

UMA EXPERIÊNCIA COM A PRODUÇÃO DE VÍDEOS ESTUDANTIS COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O FOMENTO AO PROTAGONISMO DISCENTE

Prof^o. Esp. Diêgo Cruz Argolo¹
Prof^a. Esp. Bruna Vasconcelos de Santana²
Prof^a. Dr^a. Laureci Ferreira da Silva³

RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar uma discussão sobre uma experiência com Produção de Vídeos Estudantis realizada em sala de aula pelo professor de Biologia com 40 estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, situado no município de Candeias, região metropolitana de Salvador- BA. Para realizar este estudo optou-se pela pesquisa autoetnográfica porque ela possibilita a ligação entre as experiências pessoais aos saberes socioculturais do professor e dos participantes e autoetnografia escolar porque acontece no contexto escolar. Essa experiência de produção de vídeo estudantil foi utilizada como um recurso pedagógico para desenvolver a autonomia dos estudantes com seu processo de aprendizagem. O vídeo produzido durante a execução do projeto didático foi destinado ao Projeto de Vídeos Estudantis do governo do Estado da Bahia (PROVE) na edição de 2019, o qual foi conquistado o prêmio.

Palavras-chave: Produção de Vídeos Estudantis; Autoetnografia; Aprendizagem, Autonomia.

ABSTRACT

This text aims to present a discussion on an experience with Student Video Production carried out in the classroom by the Biology teacher with 40 3rd year high school students from Colégio Estadual Luiz Viana Filho, located in the city of Candeias, metropolitan region of Salvador BA. To carry out this study, autoethnographic research was chosen because it enables the connection between personal experiences and the sociocultural knowledge of the teacher and participants, and school autoethnography because it happens in the school context. This student video production experience was used as a pedagogical resource to develop students' autonomy with their learning process. The video produced during the execution of the didactic project was destined to the Student Videos Project of the Bahia State government (PROVE) in the 2019 edition, which won the award.

Keywords: Student Video Production; autoethnography; Learning, Autonomy.

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo apresentar uma discussão, a partir de uma experiência realizada em sala de aula, com a produção de um vídeo estudantil intitulado “**O desafio de um falcêmico no ambiente escolar**” elaborado e executado pelo professor e pelos 40 estudantes do 3º ano do turno vespertino do colégio Estadual Luiz Viana Filho de Candeias – BA, sob a orientação de uma Prof^a Dr^a. em Educação pela UFBA e com a participação de uma

¹ Secretaria de Educação da Bahia. diego.argolo@nova.educacao.ba.gov.br

² Secretaria de Educação da Bahia., Bruna.vasconcelos@nova.educacao.ba.gov.br

³ Instituto de Letras da UFBA. laurecifs@ufba.br

Prof^a. Esp. em Gestão escolar (FTC), visando articular assuntos do componente curricular de Biologia com o dia a dia dos (as) estudantes.

Nessa perspectiva, a base dessa prática foi o ensino-aprendizagem na formação dos (as) discentes com a produção do vídeo estudantil (PVE), que teve como elementos principais o protagonismo, a valorização da cultura e do conhecimento de mundo dos (as) aprendizes. Nesse sentido, um dos objetivos deste estudo foi fomentar, nos estudantes, o interesse e a criatividade através do trabalho colaborativo em grupo.

Para fortalecer essa ideia das PVE podemos afirmar que, as atividades desenvolvidas durante o processo de execução do projeto didático proporcionaram um ambiente de cooperação na sala de aula. Esse nosso ponto de vista nos permite trazer para essa discussão Santana e Sant'ana (2018) porque defende a ideia que a produção de vídeos possibilita o desenvolvimento de um trabalho em grupo, no qual os estudantes se reuniram conforme suas afinidades e interesse pessoal. Nesse sentido, é possível entender que um ambiente colaborativo é definido como significativo para tomadas de decisão em grupo e compartilhamento de conhecimentos.

Tendo em conta esse pensamento de produzir vídeos estudantis, acreditamos ser esta mais uma alternativa que contribui para o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, e essa ideia nos motivou a realizar este estudo com os/as educandos (as) do Colégio Luiz Viana Filho no município de Candeias-BA, localizado na região metropolitana de Salvador-BA. Considerando como princípio basilar a oportunidade de desenvolver, nos(as) partícipes deste estudo, a percepção de que a responsabilidade pela sua aprendizagem também é deles conforme a ideia de autonomia do pensamento adotada neste trabalho (Brignol, 2017).

Diante desse cenário surgiu o seguinte questionamento: será que essa metodologia de ensino-aprendizagem, desenvolvida em Escolas do Ensino Médio, que utiliza as PVE como uma ferramenta pedagógica tecnológica pode contribuir para a formação de estudantes autônomos com condições e capacidade de continuar seus estudos? Porque de acordo com Pazzini e Araújo (2013, p.2) a produção de vídeo estudantil “é um instrumento enriquecedor, que desenvolve a linguagem, a imaginação, e possibilita ao educando maior entusiasmo durante as aulas.”

Na realização desse trabalho utilizamos como metodologia a pesquisa autoetnográfica compreendida por Magalhães (2018), como a valorização da experiência do professor pesquisador para a construção do conhecimento nos estudos socioculturais. Nesse sentido, o envolvimento do próprio professor ora pesquisador ora participante da pesquisa, transpõe para

o seu estudo suas experiências e emoções, fazendo com que se revele todos os detalhes da pesquisa.

Em vista de todos os argumentos supracitados neste texto reiteramos a necessidade da utilização da produção de vídeos estudantis, em sala de aula, como uma ferramenta pedagógica que fomenta o diálogo entre professor(a)/aluno(a), pois segundo Brignol (2017, p.4) “A relação que se pretende construir através do vídeo é uma relação híbrida de cumplicidade, amizade e de construção de conhecimento de forma colaborativa entre professor e educando” [...].

Para tanto, este trabalho está organizado da seguinte forma; introdução na qual contextualizo o estudo, em seguida o referencial teórico, o percurso metodológico, a discussão e resultados e por fim a conclusão.

2 AS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NAS AULAS DE BIOLOGIA

Esta discussão foi desenvolvida à luz da concepção dos estudos sobre a utilização das tecnologias educacionais, a exemplo dos vídeos estudantis como estratégia didática, para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos (as) participantes dessa experiência, pois seguindo as ideias de Pereira et al (2018), as PVE são utilizadas em várias instituições de Ensino Básico, como ferramenta para inovar as práticas pedagógicas. Nesse ponto, Santana e Sant´ana, (2018) acrescentam que:

Dentre as tecnologias, tais como internet e o rádio, o vídeo se destaca no âmbito educacional, pois é considerado pelos estudantes como uma linguagem agradável e envolvente e podendo abordar diversos assuntos. [...]. Isto possibilita que os estudantes se interessem nos assuntos do planejamento pedagógico. (SANTANA E SANT´ANA, 2018, p.3)

Considerando essa ideia, fez-se necessário planejar, elaborar um projeto didático que teve como o produto final a produção de um vídeo estudantil intitulado “**O desafio de um falcêmico no ambiente escolar**”, o qual foi desenvolvido com 40 estudantes do 3º ano do Ensino Médio, no intuito de aproximar os conteúdos curriculares de Biologia ao dia a dia desses (as) estudantes, pois para Brignol (2017, p.14) quando o professor trabalha, em sala de aula, com as PVE torna possível o estabelecimento da união do binômio teoria/prática.

Outro aspecto que é importante a ser citado é sobre a utilização as PVE nas práticas escolares, que viabiliza a valorização do diálogo entre (a) professor(a) /aluno(a), pois como defende Pereira et al (2018) a relação desse binômio é intensificada com a produção de

vídeos estudantis, possibilitando o aumento da autoestima e a valorização da cultura dos aprendizes.

Nesse sentido, segundo Freire (1996, p.44) é fundamental que “o professor e aluno saibam que a postura do professor e dos (as) alunos (as), é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivadora, enquanto fala ou enquanto ouve”. Além disso, reconhece e valoriza os conhecimentos prévios construídos pelos (as) discentes ao longo do tempo.

Essa relação dialógica, fomentada pelo uso das PVE, possibilita que o(a) docente revele sua própria experiência de vida e ao mesmo tempo tenha acesso a informações dos(as) seus(suas) discentes, principalmente do seu contexto sociocultural. Haja vista que este estudo é à luz da pesquisa autoetnográfica, pois segundo Magalhães (2018, p.19) ela “representa as outras pessoas participantes da pesquisa da melhor forma, pois o autoetnógrafo pode relatar a sua experiência de vida no grupo, que faz parte no contexto da pesquisa, refletindo nos processos sociais e culturais.”

Dessa forma, nessa experiência com PVE o professor e pesquisador e ao mesmo tempo participante da pesquisa visto que incluíram-se na pesquisa, refletiram e teorizaram sobre suas práticas pedagógicas utilizando as tecnologias audiovisuais como é o caso dos vídeos estudantis.

Levando em conta esse pensamento, é possível destacar que só teremos uma educação integral se considerarmos os atores e as atrizes que compõem a sala de aula como protagonistas na construção do seu próprio conhecimento, “[...] em tal lugar, em tal momento, em tal contexto”, segundo Freire (1979, p.19).

Respaldado na discussão traçada até aqui, a seguir vamos apresentar o percurso metodológico realizado durante essa experiência de produções de vídeo no qual o tema foi anemia falciforme no contexto escolar.

3 A TRAJETÓRIA DA REALIZAÇÃO DESSA EXPERIÊNCIA

Como já foi mencionado, o procedimento metodológico utilizado para realização deste estudo foi a autoetnografia de Magalhães (2018) porque esse método possibilitou que a experiência pessoal e profissional do professor, que desenvolveu o projeto didático em sala de aula, caminharam juntas durante a realização deste estudo. Isso oportunizou ao docente conhecer a si mesmo, escrever sobre si, seu contexto escolar e dos discentes envolvidos. Nessa perspectiva, essa mesma autora assevera que:

[...] por intermédio da autoetnografia, o indivíduo, ora pesquisador, ora participante da pesquisa, compreende a si mesmo por meio da reflexão e do contexto no qual está inserido. Ao compreender a si mesmo, entenderá não só o contexto social pesquisado como também os demais envolvidos. (MAGALHÃES, 2018, p.18)

Tendo em vista os aspectos apontados, optamos pela produção de vídeos estudantis como estratégia didática, por entender que esta prática fortalece a relação entre os participantes da pesquisa, através da valorização das experiências pessoais de cada um, além de intensificar a partilha de saberes entre professor(a)/aluno(a). Brignol (2017) destaca que a inclusão da experiência pessoal dos atores que compõem a sala de aula nas PVE contribui para um espaço escolar mais democrático, permeado pelo dinamismo e cooperativismo.

Dado o exposto, faz-se necessário discutir e refletir sobre a utilização de vídeos estudantis nas práticas escolares, com o objetivo de ampliar as competências de relacionar os assuntos de Biologia com os conhecimentos de mundo dos(as) estudantes de forma mais interativa e garantir o direito de aprendizagem.

3.1 QUEM SÃO OS PARTICIPANTES DESTA EXPERIÊNCIA

Um professor de Ciências Biológicas e Química e estudantes do Ensino Médio foram os protagonistas dessa experiência realizada no Colégio Estadual Luiz Viana Filho - CELVF, localizado na Rua Desembargador Teixeira de Freitas, s/n no município de Candeias, região metropolitana de Salvador.

A unidade escolar possui seis salas de aula, três banheiros: um masculino, um feminino e um para alunos portadores de necessidades especiais, uma sala de professores (as), uma secretaria, uma sala de diretor, uma biblioteca, uma cozinha e uma dispensa. É um colégio de porte médio com 600 alunos matriculados (as), que funciona no diurno com o Ensino Médio e no noturno Educação de Jovens e Adultos.

O professor pesquisador em formação:

Eu, Diego Cruz Argolo, Professor de Ciências Biológicas há 08 anos na rede Estadual de ensino Básico do Estado da Bahia. Resido no Município de São Sebastião do Passé-BA, região metropolitana de Salvador-BA. Sou Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Especialista em Educação Ambiental e Docência em Ensino Superior.

Os estudantes participantes

Dos 40 discentes que participaram desta experiência, 28 residem na zona urbana e 12 na zona rural da cidade de Candeias, 11 residem nos bairros do centro da cidade, 17 na periferia e 12 nos distritos, eles estão na faixa etária entre 14 e 18 anos. Esses jovens cursam o terceiro ano, no turno vespertino. 15 estudantes pertencem a classe média e 25 alunos (as) a classe baixa. Destes, 7 discentes foram identificados com distorção idade e série, 28 aprendizes informaram que têm acesso à internet, mas 12 deles não possuem acesso. Os 40 estudantes têm pelo menos um desses aparelhos eletrônicos a seguir: celular, tablet, computador e televisão, utilizando-os para diversos fins, inclusive para assistirem vídeos.

3.2 RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NA AULA DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

No primeiro semestre de 2019, foi planejado e executado com uma turma do terceiro ano do Ensino Médio um projeto didático intitulado **O desafio de um falcêmico no ambiente escolar** com o objetivo geral de proporcionar ao (as) estudantes a habilidade de concatenar os conteúdos abordados nas aulas de Biologia com o cotidiano, utilizando a produção de vídeo como estratégia didática para dinamizar e facilitar este processo.

A partir deste trabalho e das demandas dos (as) estudantes foram elaboradas sequências didáticas, produzido um vídeo e por último a exibição deste material audiovisual para a comunidade escolar. Além disso, foi destinado ao Projeto de Vídeos Estudantis do governo do Estado da Bahia (PROVE)⁴, na edição de 2019.

A primeira etapa foi a investigação sobre o tema a ser estudado, em seguida, foi a apresentação da proposta do projeto didático para os (as) discentes em sala de aula, a fim de discutir sobre a relevância do tema e se atendia a algumas demandas de aprendizagens da turma além disso, conversar acerca de como poderíamos usar a tecnologia a favor da aprendizagem nesta experiência.

Ainda nessa etapa iniciamos uma discussão a respeito da importância das ferramentas tecnológicas audiovisuais para o ensino-aprendizagem, a exemplo do celular. Eu, professor Diego que sou um dos autores deste texto fiz uma exposição de slides dos diversos tipos de

⁴. Projeto de Vídeos Estudantis que envolve toda a rede estadual de educação da Bahia: os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos – EJA, Educação Profissional e Ensino Normal).

instrumentos tecnológicos que utilizamos no nosso dia a dia. Depois disso, foram feitas as seguintes perguntas: Professor (P) e Estudante (E) que gerou o diálogo a seguir:

(P) Vocês usam o celular para assistirem vídeos? Quais os tipos de vídeos vocês assistem?

(E) Sim, professor. Me amarro em filmes de ficção científica na Netflix, gosto de assistir vídeos que eu dou risada, tipo dos digitais influencers, no youtube e Instagram.

(P) Qual tipo de conteúdo vocês gostam de assistir?

(E) Olhe professor, eu pretendo ser médico geneticista, e me amarro em assistir vídeos relacionados a doenças genéticas. Estamos até vendo este assunto esse ano.

(P) Que bom. Agora, vocês gostam de vídeos curtos ou longos?

(E) Prefiro vídeos curtos, porque dá para assistir vários em um curto espaço de tempo.

(P) Alguém aqui já produziu vídeos para postar em redes sociais?

(E) Eu não. Nunca. Até me arrependi, professor porque o vídeo que minha sala fez quando eu era 7º ano ficou top.

(E) Eu já, professor. Tenho uns três.

(P) Fale-me um pouco de um vídeo que vocês produziram?

(E) Eu fiz um vídeo sobre células-tronco, quando eu era fundamental II. Tive que pesquisar bastante.

(P) O primeiro passo para elaborar um vídeo foi a pesquisa. E depois?

(E) Depois eu tive que escrever o que eu ia fazer no vídeo, as falas até a música que eu ia colocar.

(P) Você sabe o nome desse texto que você escreveu? Você escreveu sozinho esse texto?

(E) Não lembro o nome. Mas, eu sei que eu me guiei por ele. Não. Fiz com mais 4 colegas e o restante do pessoal nas outras funções.

(P) Esse texto se chama roteiro, que nada mais é do que uma descrição do que tem que acontecer na produção de um vídeo.

(E) Agora entendi professor. Não tava ligado não.

(P) Você utiliza qual aparelho para fazer a filmagem?

(E) Utilizo o meu celular mesmo, professor, para gravar e editar. Tenho alguns programas que me auxiliam para isso. Eu vou até assistir um vídeo hoje que o professor de filosofia passou para a gente assisti.

Ao ouvir e participar desse diálogo percebi que o celular é o recurso tecnológico mais usado, por esses aprendizes para assistir, gravar e até editar vídeo. Ademais, muitos desses discentes já tiveram a oportunidade de trabalhar em grupo, principalmente quando relatam em uma de suas falas, afirmando que na escrita do roteiro foi com a participação de todos(as).

Na aula seguinte, ratifiquei a importância sobre o uso das tecnologias audiovisuais na educação e propus um desafio na sala de aula: que eles produzissem um vídeo curto, com um dos assuntos já abordados em nossa aula. Dos 40 estudantes da sala, 80% da turma aceitou o desafio. Então, continuamos na expectativa de que durante o processo de produção do vídeo, os demais se envolvessem.

Cabe aditar que ao longo do desenvolvimento da produção do vídeo, os 20% dos estudantes que não queriam se envolver no estudo, foram gradativamente participando dos grupos e das atividades propostas.

Na segunda etapa, foi realizada uma votação na sala de aula para a escolha do tema relacionado aos assuntos já apresentados, 42 % da turma escolheu trabalhar com Doença falciforme⁵, 33% optaram pelo sistema ABO⁶ e 25% Alimentos Transgênicos⁷.

Esse processo ocorreu de forma democrática, à medida que valorizou a decisão de cada um dos estudantes em um determinado tema, facultando a oportunidade que justificassem suas escolhas. Dessa forma, no processo de planejamento da investigação, levamos em consideração o ponto de vista apresentado pelos discentes.

Depois do tema definido, doença falciforme, eu sugeri que os estudantes realizassem uma pesquisa bibliográfica em livros, periódicos, vídeos, internet, textos impressos dentre outros, sobre a temática escolhida. Também foi sugerida as etapas da produção de um vídeo estudantil.

É fulcral informar que, para a realização da pesquisa bibliográfica, os (as) aprendizes formaram grupos para elaborar um plano de ação sob a mediação do professor a partir das seguintes questões no quadro abaixo.

Quadro 1- Plano de ação dos (as) discentes do CELVF 2019. Turma 3º ano VB.

Produção de Vídeo Estudantil			
<i>Nome dos estudantes:</i>			
<i>Quais etapas vamos seguir? pesquisas, leitura, entrevistas, assistir documentários. Aquisição de materiais para a gravação.</i>	<i>O que vamos ler? - Como produzir e as etapas de um vídeo estudantil -Doença falciforme e o ambiente escolar.</i>	<i>O que vamos escrever? - relatos da pesquisa bibliográfica -roteiro para gravação das cenas.</i>	<i>Como iremos apresentar? - vídeo -redes sociais da escola; - slide - exibição no pátio da escola.</i>

Ainda na segunda etapa, logo após o levantamento bibliográfico, os (as) estudantes dialogaram, entre eles e com o professor, durante uma roda de conversa. Nesse mesmo momento, os(as) discentes apresentaram o passo a passo para a produção do vídeo, que segundo eles (as) é conhecer a ferramenta audiovisual que será utilizada, escolha do tema, o planejamento e a escrita do roteiro, ensaio, gravação, edição e por último a exibição.

Em outro momento, em sala de aula, foi sugerido que os estudantes se organizassem em subgrupos, respeitando as afinidades de cada um. O primeiro grupo ficou responsável pelo

⁵Caracteriza-se pela predominância da compõem um grupo de doenças genéticas caracterizadas pela hemoglobina S (HbS) nas hemácias.

⁶ Tipos sanguíneos que são caracterizados pela presença ou não de certas substâncias na membrana das hemácias, os aglutinogênios, e pela presença ou ausência de outras substâncias, as aglutininas, no plasma sanguíneo.No sistema ABO existem quatro tipos de sangue: A, B, AB e O.

⁷ Segundo a OMS, alimentos transgênicos significa Organismos Geneticamente Modificados. Organismos manipulados geneticamente.

planejamento e escrita do roteiro, o segundo com os atores e atrizes das cenas e o terceiro grupo responsável pela gravação, sonoplastia e edição. Com os grupos formados, foram nomeados líderes para os representarem durante as reuniões semanais.

Na terceira etapa, os (as) líderes de cada grupo se reuniram com o professor e as duas autoras colaboradoras do estudo Prof^a Bruna Vasconcelos e Prof^a Laureci Ferreira da Silva para tirarem dúvidas e informar sobre o andamento das atividades, discutir, analisar, refletir e redimensionar o plano de ação, caso fosse necessário.

Esses encontros aconteceram na biblioteca da escola, duas vezes por semana, no turno oposto. Além desses encontros mencionados, o professor ampliava os conhecimentos dos estudantes durante as aulas, com discussões a partir de leituras de textos, produções textuais orais e escritos para auxiliar na escrita final do roteiro.

Cabe acrescentar que, em sala, todos compartilhavam do desenvolvimento do roteiro. Foi dessa escrita colaborativa que surgiu o título do vídeo **O desafio de um falcêmico no ambiente escolar**, pois um grupo de alunos (as) sugeriu contar uma história de um estudante com doença falciforme e que iria enfrentar muitos obstáculos dentre eles a morte de sua mãe, o abandono do seu pai e até problemas na escola a fim de superar preconceitos.

A partir deste momento, colocamos a ideia do grupo em votação e 80% dos (as) estudantes concordaram. Já os outros 20% não aceitaram, a princípio relatando que queriam outro tema, porém no decorrer do projeto respeitaram a maioria e aderiram a proposta sugerida.

Na quarta etapa, depois do roteiro pronto, começamos a gravação do vídeo e depois de uma semana as cenas estavam todas gravadas. Em outro momento, a equipe de edição começou a trabalhar, em três dias o vídeo estava pronto para exibição, com duração de cinco minutos.

Ainda nesta etapa, durante o processo da gravação do vídeo, percebi os(as) estudantes mais entusiasmados partilhando suas ideias na construção do vídeo. Esses aprendizes tornaram-se protagonistas nas atividades que desenvolveram. Nesse espaço de troca de conhecimentos, aprendi como realizar edições em vídeos através dos diálogos com os(as) discentes.

A quinta etapa foi o momento da exibição do vídeo para toda a comunidade escolar. A coordenação montou o data-show e a caixa de som no pátio do colégio. Depois convidamos toda a escola para a exibição do nosso vídeo. Esse material audiovisual foi postado nas redes sociais da escola, dos(as) professores(as) e dos(as) estudantes.

Nesse sentido, as habilidades estabelecidas para serem desenvolvidas com a execução deste estudo foram planejar e produzir vídeos estudantis, trabalhar em grupo e do diálogo entre professor(a)/aluno(a) e aluno(a)/aluno(a). Por conseguinte, é preciso considerar a vivência e o contexto sociocultural de cada participante da pesquisa.

Dado o exposto, com a produção desse vídeo, tive o prazer de dialogar mais facilmente com os (as) estudantes e conhecer a visão de mundo de cada um. Isto possibilitou que a partir dessa experiência fosse levado em consideração, nos meus planejamentos, o uso do celular como ferramenta didática, pois é o recurso mais utilizado por eles(as). Outrossim, a produção deste curta-metragem possibilitou que a comunidade escolar realizasse eventos e criassem perfis educativos nas redes sociais, para discutir temas relacionados às práticas inclusivas no espaço escolar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado do projeto didático percebi que os (as) discentes conseguiram usar a tecnologia audiovisual, em especial o celular, a favor da aprendizagem e desenvolveram a capacidade de trabalhar em grupo. Estes (as) estudantes realizaram de forma assertiva suas funções, a partir da interação com outros colegas e comigo, o professor. Seguindo essa linha de pensamento, Santana e Sant´ana afirmam que as PVE motivam o trabalho em grupo de forma colaborativa e criativa.

Com o depoimento a seguir de um dos estudantes I.O.S, percebi como as PVE contribuem para valorização do trabalho em coletividade.

Vou falar pra você, foi a melhor experiência da minha vida. Não só no terceiro ano, mais também do Ensino Fundamental e Médio inteiro. Eu nunca tive uma experiência dessa, de gravar um vídeo e ainda junto com os meus colegas de sala. Foi muito bom! Vou dizer uma coisa professor, se tivessem mais aulas dessas na escola iria ser bem legal. Deixa-me dizer outra coisa, eu já sabia gravar e editar vídeos, mesmo assim aprendi muita coisa nova nesse trabalho em grupo. A gente nunca sabe tudo! Agora também, todos se empenharam para dá tudo certo. Agora professor, a gente nem imaginava ganhar o prêmio do PROVE, mas trabalhamos duro e fizemos história. Lembra, quando fomos pegar o prêmio, estávamos iguais as estrelas do Oscar.

Ao analisar a relação entre professor/aluno nas PVE identifiquei uma expansão do diálogo entre professor(a)/aluno(a). Esse achado está em consenso com o que defende Brignol (2017, p. 3), que as produções de vídeos estudantis viabilizam a ampliação do diálogo no espaço escolar, (...). Esse estudioso destaca que “a vivência pessoal de cada um e suas

contribuições em um trabalho exige a união de todos os participantes”. Para ratificar esse ponto de vista apresento a fala de uma das discentes.

“Eu amei fazer essa atividade, que pra mim foi gratificante. Todos na minha sala se engajaram para fazer o melhor, pois tivemos uma aproximação maior com vocês professores. Eu nunca tive uma experiência dessa em planejar todo um trabalho com meu você professor o tempo todo, auxiliando a mim e a todos os meus colegas. Você conversou muito comigo, me auxiliava muito e deu no que deu... arrebatamos no vídeo. Ficou Show de bola. De lá pra cá, ficamos amigos.”

Em relação à ação colaborativa no trabalho em grupo, foi possível detectá-la no planejamento e na produção do vídeo, principalmente durante toda a produção do roteiro. A escrita foi colaborativa, pois todos os(as) discentes puderam concordar ou discordar dos argumentos de outros colegas, adicionando ou retirando ideias do texto com a sua mediação, professor.

Para Pereira et al (2018), a escrita de um roteiro é colaborativa porque “por mais que um (a) estudante apresente a ideia, é o grupo que a debate, sob a supervisão do professor, que deve evitar agir como um limitador do processo de criatividade(...)”. No que tange a esse pensamento apresento o depoimento da aluna M.S após a escrita colaborativa.

“A produção desse vídeo despertou a minha criatividade, pois consegui escrever um roteiro com a participação de todos, inclusive de você professor. O trabalho foi em equipe mesmo. A gente conseguiu entregar um ótimo curta-metragem de conscientização tanto para as escolas, quanto para as pessoas. Eu sou muito grata de ter participado da escrita do vídeo juntamente com os meus colegas.”

Outro ponto importante revelado pela investigação foi que a maioria dos(as) discentes, através da produção desse vídeo, conseguiram associar o assunto abordado em sala com a prática do dia a dia. Destarte, em decorrência das PVE, os(as) aprendizes perceberam em algumas pessoas do seu círculo social, que elas sofriam com sintomas semelhantes a quem tinha doença falciforme, conseguindo realizar a correlação do que aprendeu em sala com o seu cotidiano. Essa me fez lembrar que Santana e Sant’ana (2018), em seus estudos, afirmam que a PVE permite estabelecer a união da teoria e prática, levando em consideração o conhecimento de mundo dos aprendizes. Diante disso, trago um comentário de F.R.M sobre essa associação do binômio teoria/prática:

Quando comecei a pesquisar sobre o tema do vídeo, ele tinha sido abordado pelo professor em sala de aula, fiquei em choque ao saber que eu tinha na minha rua uma pessoa com a Doença falciforme. Antes desse trabalho, eu achava que ela inventava as dores, não podia comer isso, não podia comer aquilo, tinha que ir ao banheiro direto etc. Depois do Vídeo passei a ter empatia e respeito por essas pessoas. Olha só que engraçado.

Levando em consideração o que foi apresentado, vale acrescentar que as PVE desenvolveram habilidades nos (as) discentes, além das estabelecidas a princípio pelos mentores dessa atividade como: capacidade de organização para trabalhar em grupo, escrita colaborativa do roteiro, leituras de textos científicos e elaboração de resumos. Essas e outras habilidades foram desenvolvidas devido a utilização da produção de vídeo estudantil, porque segundo Santana e Sant´ana (2018, P.2) “A PVE pode ser utilizada como um recurso pedagógico útil para que os estudantes, de forma contextualizada, desenvolvam também de forma autônoma a sua aprendizagem.”

5 O QUE ESTE ESTUDO REVELOU: as investigações continuam

Ao final deste trabalho concluímos que utilizar a produção de vídeo estudantil, como um recurso pedagógico para promover o processo de ensino-aprendizagem, viabilizou que estudantes e professores (as) ampliassem e ressignificassem os seus conhecimentos. Logo, as PVE favoreceram uma aprendizagem participativa, dispendo de leitura de textos científicos, pesquisas bibliográficas e escrita colaborativa.

Para que os objetivos fossem alcançados em cada etapa nas PVE tivemos que levar em consideração a valorização dos conhecimentos já construídos pelos(as) discentes, ou seja, seu conhecimento de mundo, pois segundo Pereira et al (2018, p.6) “ao repensar a prática de ensino trazendo como possibilidade a produção de vídeos estudantis, se busca interagir com o universo do estudante, aproximando-se de suas vivências, considerando-se sua bagagem cultural e seus saberes (...).”

Convém lembrar que a utilização das PVE facilitou a associação do assuntos abordados em sala com o cotidiano dos(as) estudante, pois Brignol (2017, p.3) explica que “produção do vídeo gera no aluno prazer, pois valoriza a cultura, respeita seu tempo, modifica a relação bancária entre professor e aluno já que todos aprendem e debatem para a realização audiovisual.”

Nesse sentido, podemos perceber que foi válida a produção do vídeo porque o notamos que os(as) aprendizes potencializaram a habilidade de trabalhar em grupo, construindo conhecimentos através da escrita colaborativa, reuniões semanais com os professores mediadores, rodas de conversas, ensaios e gravações, possibilitando uma educação mais interativa e permeada pelo diálogo. Essa educação dialógica intensificou a relação entre professor(a)/aluno(a) e aluno(a)/aluno(a). Salientamos também que, os(as)

docentes além de pesquisadores foram também participantes da pesquisa, influenciando nos resultados da mesma.

Vale acrescentar que, ao analisar e refletir todo esse processo de ensino-aprendizagem através da produção de vídeos estudantis, percebi o entusiasmo e a ampliação da capacidade dos(as) discentes em desenvolverem as atividades propostas, muitas vezes sem o intermédio dos(as) professores(as).

Dessa forma as PVE se consolidou como um recurso didático que possibilitou uma educação autônoma e libertadora no espaço escolar, propiciando, segundo Freire (1996), uma condição de aprendizagem significativa, em que os discentes vão alcançando gradativamente o protagonismo na construção do conhecimento e a sua conscientização, ficando lado a lado com o educador. Nesse processo, todos ensinam ao mesmo tempo que aprendem.

REFERÊNCIAS

- BRIGNOL, J. de .M. **Educando o Jovem Rural através da Produção de vídeo Estudantil. VII Congresso Internacional de Educação.** 10 a 13 de maio de 2017. Santa Maria-RS. Disponível em:< Artigos (ufpel.edu.br) >. Acesso em: 03 de Dezembro de 2021.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire;** [Tradução de Katia de Mello e silva, revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. São Paulo: Cortez e Moraes. 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MAGALHÃES, Célia Elisa Alves. Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação. Veredas online – temática – 1/2018 – **PPG linguística/UFJF** – Juiz de Fora – ISSN 1982-2243 Disponível em: < https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA555076150&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=14152533&p=IFME&sw=w&userGroupName=brooklaw_main>. Acesso em: 12 de agosto de 2021.
- PAZZINI, D.N.A; ARAÚJO, F.V. **O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem.** Manancial - Repositório Digital da UFSM 17 de março de 2015. Disponível em:<O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem | Manancial - Repositório Digital da UFSM>. Acesso em: 01 de dezembro de 2021.
- PEREIRA, J. KOVALSCKI, A. SILVA, J.A. BRIGNOL, J.de. M. LINO, V.P. de. J. A. Produção de Vídeo como Prática Pedagógica no Processo de Ensino-aprendizagem. **Educitec**, Manaus, v. 04, n. 08, p. 208-223, nov. 2018. Edição especial. Disponível em: <https://redib.org/Record/oai_articulo2683393-a-produ%C3%A7%C3%A3o-de>

v% C3% ADdeo-como-pr% C3% A1tica-pedag% C3% B3gica-processo-de-ensino-aprendizagem >. Acesso em: 03 de Dezembro de 2021.

SANTANA, C.A.S.C.de.S; SANT ´ANA, C. de. C. A Produção de Vídeo Estudantil e Aprendizagens Matemáticas: Um Estudo Segundo os Pressupostos da Teoria das Inteligências Múltiplas. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 21(1): 131-142, 2018. Disponível em:< <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2021.